



# Gêneros nativos digitais: pontuando contribuições para o ensino

Digital native genres: Punctuating contributions to teaching

DOI 10.20396/lil.v27i00.8677918

**Kleiane Bezerra de Sá**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

**Antônia Sabrina Teixeira Lima**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

**Arthur Lopes Machado**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

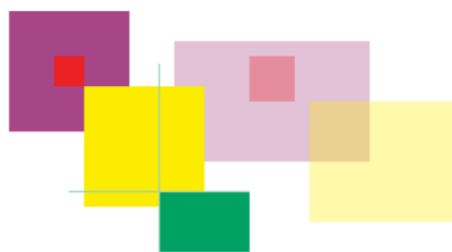
**Ana Beatriz Rodrigues da Silva**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

## Resumo

O objetivo desta pesquisa é refletir, em uma perspectiva ecológica e pós-dualista (Paveau, 2021), de que modo se dá a prática de análise de gêneros nativos digitais em uma escola pública de Ensino Médio no município de Tauá—CE, tendo em vista que diretrizes educacionais como PCNs e BNCC encorajam implementações dos gêneros nas práticas de ensino. A partir dessa observação, busca-se, ainda, propor estratégias eficazes para incorporá-los de maneira significativa no ensino de língua portuguesa. Os pressupostos teóricos desta pesquisa estão embasados, sobretudo, nas noções de texto e gêneros presentes nos estudos de Marcuschi (2002) e de Cavalcante et al. (2022), visando refletir sobre o ensino de língua portuguesa por meio de gêneros nativos digitais. Este trabalho adota uma metodologia de pesquisa qualitativa, fruto de uma oficina elaborada a partir do desdobramento de outra aplicada no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), ministrada por parte dos autores, e que se desenvolveu em duas etapas: teórica e prática. A primeira etapa consistiu na contextualização de gêneros em meio digital, amparados nos conhecimentos prévios dos estudantes sobre a temática. Já a segunda etapa, por sua vez, direcionou-se à análise de peças publicitárias, que se constituem como gêneros nativos digitais, presentes nas plataformas Instagram e X (antigo Twitter), seguida pela criação de peças publicitárias próprias. Os resultados desta pesquisa destacam a importância de integrar os gêneros nativos digitais no contexto educacional, reconhecendo sua relevância na comunicação contemporânea e sua influência no desenvolvimento das habilidades dos alunos.

**Palavras-chave: Gêneros nativos digitais. Gêneros textuais. Ensino de língua portuguesa. Contexto educacional. Comunicação contemporânea.**



## Abstract

The aim of this research is to reflect, from an ecological and post-dualist perspective (Paveau, 2021), on how the practice of analyzing digital native genres is conducted in a public high school in the municipality of Tauá–CE, considering that educational guidelines such as the PCNs and BNCC encourage the implementation of these genres in teaching practices. Based on this observation, the aim is also to propose effective strategies to meaningfully incorporate them into the teaching of the Portuguese language. The theoretical assumptions of this research are primarily grounded in the notions of text and genres found in the works of Marcuschi (2002) and Cavalcante et al. (2022), aiming to reflect on the teaching of the Portuguese language through digital native genres. This study adopts a qualitative research methodology, resulting from a workshop developed as an extension of another workshop applied in the PIBID (Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships), conducted by some of the authors, and carried out in two stages: theoretical and practical. The first stage consisted of contextualizing genres in the digital environment, supported by the students' prior knowledge of the topic. The second stage, in turn, focused on the analysis of advertisements, which constitute digital native genres, present on platforms such as Instagram and X (formerly Twitter), followed by the creation of their own advertisements. The results of this research highlight the importance of integrating digital native genres into the educational context, recognizing their relevance in contemporary communication and their influence on the development of students' skills.

**Keywords:** Digital native genres. Textual genres. Portuguese language teaching. Educational context. Contemporary communication.

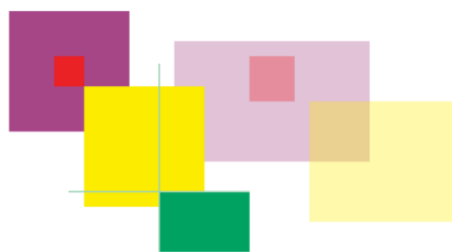
---

## Introdução

O advento da tecnologia vem se expandindo e conquistando cada vez mais espaço na sociedade contemporânea, promovendo transformações em diversas áreas do conhecimento, incluindo a linguagem e a educação. O desenvolvimento de novas maneiras de interação entre os indivíduos gera, por sua vez, novas demandas comunicativas. Assim, o surgimento de gêneros textuais nativos digitais<sup>1</sup> se tornou algo inevitável, atendendo à necessidade de comunicação entre as pessoas nesses novos ambientes interativos.

---

<sup>1</sup> A respeito da nomenclatura utilizada neste trabalho, amparamo-nos em Paveau (2021), que define três tipos de texto dentro do ecossistema digital: o digitalizado, o digital e o digital nativo. O primeiro corresponde ao que passou por um processo de digitalização, sendo anteriormente impresso, não apresentando, assim, elementos clicáveis (tecnossignos). O segundo diz respeito àquele que é produzido, utilizando todos os recursos disponibilizados pela escrita digital, mas é realizado offline. O texto nativo digital, por sua vez, é aquele que é produzido integralmente em um contexto *on-line*. É compósito, uma vez que faz uso de elementos linguageiros e tecnológicos, apresentando características específicas.



Nessa perspectiva, dedicamos esta pesquisa à interface entre tecnologia, linguagem e ensino através dos gêneros nativos digitais no contexto educacional: como eles estão sendo utilizados e como podemos incorporá-los às aulas de Língua Portuguesa, segundo o que preconizam as diretrizes nacionais curriculares, como a Base Nacional Comum Curricular<sup>2</sup> (doravante BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais <sup>3</sup>(doravante PCN's).

Compreendemos que as interações em ambientes digitais devem ser discutidas, estudadas e analisadas no contexto de ensino de língua portuguesa na educação básica, uma vez que os estudantes precisam ser levados a perceber que, na verdade, a produção discursiva não está dependente apenas de questões contextuais como políticas, sociais, culturais, mas, também, está intrinsecamente ligada a ferramentas tecnológicas (telefones, computadores, sites, aplicativos, tablets, softwares, plataformas, redes) em que são produzidos.

Essa imbricação complexifica o trabalho docente e desafia a linguística, especialmente a Linguística Textual (doravante LT) a rever os critérios de textualidade que caracterizam os gêneros nativos digitais. Em vista disso, faz-se necessário adaptar as práticas pedagógicas às necessidades dos alunos e promover uma educação mais relevante integrada ao mundo contemporâneo.

Frente a esse panorama, temos como objetivo, nesta pesquisa, investigar, sob uma perspectiva ecológica e pós-dualista (Paveau, 2021), de que maneira ocorre a análise de gêneros nativos digitais em uma instituição pública de ensino médio na cidade de Tauá–CE, bem como identificar as possíveis influências das tecnologias digitais na maneira como os alunos produzem e consomem textos. Assim, esperamos distinguir os desafios e oportunidades que esses novos gêneros trazem para o ensino e a aprendizagem.

---

<sup>2</sup> A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) se trata de um documento oficial que determina as diretrizes para o conteúdo educacional nas escolas de educação básica no Brasil, englobando desde a educação infantil até o ensino médio. A BNCC estabelece os direitos de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, guiando os currículos das diferentes redes de ensino em todo o território nacional, com a finalidade de assegurar a equidade e a qualidade na educação.

<sup>3</sup> Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são documentos desenvolvidos pelo Ministério da Educação (MEC) do Brasil, que têm como objetivo oferecer orientações e diretrizes pedagógicas voltadas para o ensino fundamental e médio. Os PCNs buscam uniformizar e aprimorar a qualidade da educação em todo o território nacional, disponibilizando apoio a professores e gestores educacionais na estruturação do trabalho escolar.



Ao adotar uma abordagem ecológica e pós-dualista, temos o intuito de ir além da dicotomia entre offline e online, considerando a interação dinâmica entre os diferentes elementos do ambiente escolar e digital, e suas implicações para o desenvolvimento linguístico e educacional dos estudantes.

Esclarecemos que este trabalho é, em grande medida, fruto da experiência no âmbito do PIBID<sup>4</sup>, em que parte dos autores estiveram na instituição de ensino pelo período de março a abril de 2024. Para realizarmos a ação, fez-se necessária a autorização e o auxílio do professor de Língua Portuguesa da referida instituição, que atuava também como nosso supervisor.

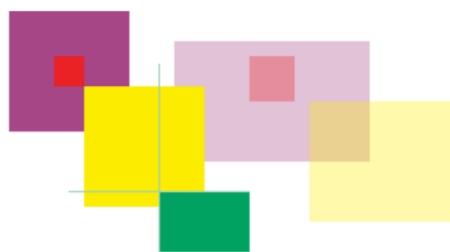
As reflexões que apresentamos, aqui, partem, em um primeiro momento, da retomada dos conceitos de texto e de gênero, até chegarem ao quadro teórico presente nos estudos de Cavalcante et al. (2022). Em um segundo momento, discutimos, com base nos subsídios teóricos de Paveau (2021), o tratamento dos gêneros nativos digitais. Em um terceiro momento, contextualizamos de que modo se dá a análise de gêneros nativos digitais em uma sala de aula que chamamos de Turma A, na escola em que atuamos, visando pontuar algumas sugestões para utilização desses gêneros, amparados nos documentos norteadores dessa etapa de ensino.

## Texto e gênero à luz da linguística textual

Nesta seção, definimos alguns conceitos teóricos que norteiam as reflexões aqui perpetradas, em função de a proposição de atividades pedagógicas de língua portuguesa envolver a descrição teórica do funcionamento dos textos em contexto. Primeiramente, revisitamos teoricamente os termos texto e gênero até considerá-los no quadro teórico

---

<sup>4</sup> O PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) é uma ação do governo brasileiro, associada à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que busca estimular a formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas a alunos de cursos de licenciatura, permitindo que eles atuem em escolas públicas com a supervisão de professores experientes, além de serem acompanhados por docentes das universidades. O objetivo do PIBID é oferecer aos futuros educadores uma experiência prática durante sua formação, conectando a teoria aprendida na academia com a realidade das salas de aula.

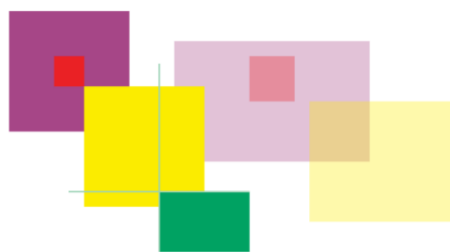


presente em Cavalcante et al. (2022) e, na sequência, refletimos sobre gêneros nativos digitais, amparados em Paveau (2021).

Os conceitos de texto e gênero são imprescindíveis para os estudos da linguagem, pois permitem o discernimento das diversas práticas discursivas presentes nas interações humanas. Essencialmente, para a LT, o conceito de texto diz respeito a um evento comunicativo coerente ocorrido em determinado contexto social e histórico com os princípios fundamentais de promover interação entre os interlocutores envolvidos e causar reação às informações postas em negociação durante a situação dialógica (Cavalcante et al., 2022). No entanto, apesar da interação ocorrer durante o evento comunicativo, o texto não se restringe àquela situação imediata, pois, segundo Cavalcante et al. (2022, p. 17), "as interpretações de ambas as partes necessitam de um retrospecto às bagagens histórica e social de cada indivíduo", tornando assim o texto intrínseco ao contexto no qual foi produzido.

A partir de tal conceitualização basilar e levando em consideração todo o cenário de produção de um texto, os autores Beaugrande e Dressler (1981) desenvolveram o que conhecemos como princípios de textualidade, que consistem em considerar o texto como um processo. Os autores definiram sete características fundamentais que fazem um texto ser, de fato, um texto, além de apenas palavras sequenciadas. As características em questão são: coesão, que diz respeito à conexão dos elementos do texto via mecanismos linguísticos; coerência, referente ao sentido das informações apresentadas em determinado contexto; intencionalidade e aceitabilidade, atribuídas, respectivamente, à intenção do emissor ao transmitir o texto, e à capacidade do receptor de reagir ao que lhe foi exposto; informatividade, que se refere à capacidade que o texto deve ter de apresentar informações conhecidas e desconhecidas ao receptor e de manter o equilíbrio entre ambas; situacionalidade, que diz respeito à forma como a situação em que o texto emerge interfere em seu sentido; e, por fim, intertextualidade, que diz respeito à utilização de outros textos na construção de um sentido, de maneira direta ou indireta.

A nosso ver, a discussão sobre a interface entre tecnologia, linguagem e ensino através dos gêneros nativos digitais no contexto educacional pode ser enriquecida ao se amparar nesses aspectos da textualidade, os quais naturalmente precisam ser acomodados aos parâmetros do ambiente digital.

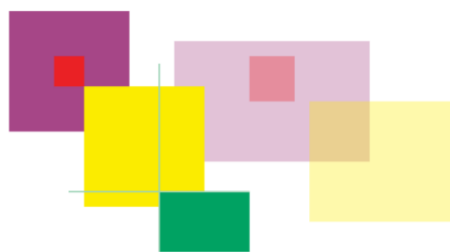


Para Cavalcante et al. (2022), o tratamento analítico de um texto envolve a consideração de diversos aspectos que garantem sua coerência dentro de um determinado contexto. Esses aspectos se manifestam em diferentes dimensões e dependem de condições discursivas que são ativadas através de um contrato social implícito e de um circuito comunicativo, onde os participantes assumem papéis sociais específicos. Além disso, estão relacionadas a motivações argumentativas que determinam os efeitos que um locutor deseja provocar em seus interlocutores, sejam eles diretos ou indiretos. Essas estratégias argumentativas envolvem uma negociação entre os participantes da interação sobre como construir e expressar significados por meio de diferentes sistemas semióticos, de acordo com as condições específicas de cada interação. Assim, os modos de textualização são simultaneamente estratégicos, devido à intencionalidade dos sujeitos, e condicionados por um contexto mais amplo.

Visto que os textos são a unidade básica da comunicação humana nos infinitos contextos interacionais, não podemos deixar de abordar os conceitos de gêneros textuais como aspectos complementares a eles. Os gêneros são tidos como a materialização dos textos, que os organizam e classificam a partir de características similares, assim como sugere Bakhtin (2016): “Os gêneros são padrões de textos relativamente estáveis”. Sobre tal concepção, Marcuschi (2005) afirma que a expressão gênero textual se refere aos textos materializados em nosso cotidiano (por exemplo: telefonema, receita culinária, piada, bula de remédio, etc.) e tais textos apresentam propriedades predefinidas a depender de cada contexto sociocomunicativo.

Sendo assim, devido à variedade de situações em que são aplicados, depreende-se que os gêneros textuais são numerosos e contemplam não apenas as formas de comunicação escritas, mas também as orais. Os gêneros são delimitados a partir de características que vão desde a sua finalidade até a forma de sua estrutura, proporcionando assim melhor possibilidade de distinção entre eles, para que sejam aplicados pelos usuários da língua de forma mais benéfica possível aos inúmeros objetivos da comunicação. Sabendo disso, é importante salientar que os gêneros textuais são diferentes dos tipos textuais, apesar de serem frequentemente confundidos devido à semelhança entre ambos.

Em conformidade com o que já foi apontado a respeito dos gêneros, de acordo com Marcuschi (2005), os tipos textuais, além de serem menos abundantes em quantidade, não são definidos pelas situações sociocomunicativas, mas sim pelas propriedades linguísticas



intrínsecas ao texto. Ou seja, são delimitados por aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais e relações lógicas, e classificados em cinco tipos textuais, sendo eles: narrativo, argumentativo, descritivo, injuntivo e expositivo. Segundo o autor, o tipo narrativo é marcado por sequência temporal; o argumentativo, por contrastes explícitos; o descritivo, por sequências de localização; o injuntivo, por sucessões imperativas; e o expositivo, por séries analíticas ou expositivas.

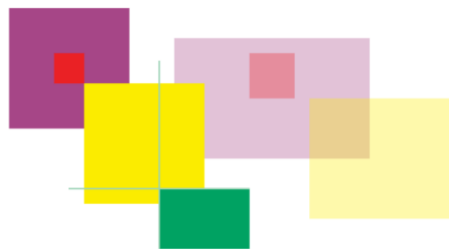
Com isso, percebe-se a inerência da relação entre os conceitos de texto e gêneros textuais, tendo em vista que o texto é uma unidade fundamental para os processos e práticas discursivas humanas, que possuem o objetivo imperioso de promover comunicação e interação de informações, enquanto os gêneros textuais operam como o filtro que classifica e agrupa essas unidades a partir de critérios como sua finalidade, estrutura, meio de circulação, etc., a fim de viabilizar a emissão e recepção de mensagens, abarcando os inúmeros contextos nos quais são proferidas.

Ademais, é preciso entender, ainda, que cada gênero possui características próprias. Marcuschi (2004) explica que

Uma das características centrais dos gêneros em ambientes virtuais é serem altamente interativos, geralmente síncronos (com simultaneidade temporal), embora escritos. Isso lhes dá um caráter inovador no contexto das relações entre fala-escrita. Além disso, tendo em vista a possibilidade cada vez mais comum de inserção de elementos visuais no texto (imagens, fotos etc.) e sons (músicas, vozes) pode-se chegar a uma interação com a presença de imagem, voz, música e linguagem escrita numa integração de recursos semiológicos. (Marcuschi, 2004, p.16).

Isto posto, temos que os gêneros textuais em ambientes virtuais apresentam uma complexidade e dinamismo únicos, ampliando as possibilidades de comunicação e interação entre os usuários. Assim, incluí-los no contexto educativo pode enriquecer a dinâmica de ensino-aprendizagem, proporcionando aos estudantes novas possibilidades de se expressar e interagir.

Segundo Marcuschi (2008), ao utilizarmos um gênero textual, é necessário não apenas dominar sua estrutura organizacional e as formas linguísticas associadas, mas também compreender os modos de interação próprios desse gênero, a fim de alcançar objetivos específicos em situações sociais determinadas. Tais reflexões são importantes, na medida em que continuam servindo como alicerce para definirmos como ocorre a



caracterização de gêneros em ambiente digital. É sobre isso que trataremos na seção a seguir.

## A maneira de compreender gêneros nativos digitais

Mencionamos que a relação entre tecnologia, linguagem e ensino pode ser amplificada ao considerarmos aspectos da textualidade, desde que sejam observadas as especificidades do ambiente digital. Nesta seção, buscamos discutir as idiossincrasias do ambiente digital no que concerne ao ensino de língua portuguesa.

A noção de gêneros nativos digitais<sup>5</sup> está fundamentada no conceito de ambiente, princípio delimitado por Marie-Anne Paveau, na obra *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*, dentro de uma abordagem chamada de análise do discurso digital, de 2021. Nessa perspectiva teórica, a autora segue uma concepção pós-dualista, rejeitando a divisão entre mente e corpo e, mais do que isso, assumindo uma visão simétrica das materialidades languageiras. Isso significa que os gestos languageiros são considerados "compósitos", ou seja, inseparáveis das relações com o ambiente, incluindo o tecnológico. Essa abordagem representa uma perspectiva ecológica da linguagem (Paveau, 2021), que considera na análise não apenas o enunciado propriamente dito, mas todo o sistema em que ele é produzido.

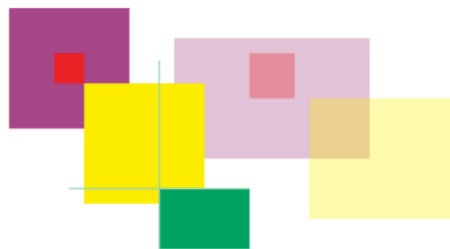
Paveau (2021) propõe a noção de ambiente como uma alternativa à noção de contexto nas teorias do discurso e do texto, que tradicionalmente o viam como o conjunto das condições imediatas e exteriores à produção textual. Segundo a autora, essas abordagens consideravam o contexto de forma egocentrada, com o locutor como controlador da produção textual, enquanto a análise se focava apenas no aspecto linguístico. Em contraste, a noção de ambiente é mais abrangente, incorporando o linguístico, o textual e o tecnológico de maneira híbrida.

Embora o ambiente nunca tenha sido completamente ignorado nos estudos contemporâneos do texto, a visão de ambiente digital proposta pela autora surge de uma base

---

<sup>5</sup> Cavalcante *et al.* (2022) renomearam o termo tecnogênero, cunhado por Paveau (2021) como gêneros nativos digitais. Neste trabalho são intercambiáveis.





filosófica distinta. Para ela, as próprias formas linguísticas e discursivas pressupõem a integração do tecnológico, algo que uma análise logocêntrica, como a das teorias de contexto anteriores, não consideraria.

Nas definições presentes na obra de Paveau (2021), compreendemos o:

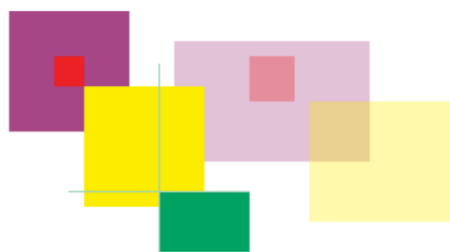
(...) tecnogênero de discurso como um gênero de discurso dotado de uma dimensão compósita, derivada de uma coconstituição do languageiro e do tecnológico. O tecnogênero pode derivar de um gênero pertencente ao repertório pré-digital, mas que os ambientes digitais nativos dotam de características específicas (como o comentário on-line), ou constituir um gênero digital nativo, portanto, novo (como a tuitatura ou o artigo de imprensa na forma de antologia de links ou de tuítes). O tecnogênero de discurso é, portanto, marcado por ou derivado da dimensão tecnológica do discurso, o que implica um funcionamento e propriedades particulares. (Paveau, 2021 p.328)

Nos estudos da LT, os gêneros nativos digitais não devem ser analisados apenas por sua função como padrões relativamente estáveis de textos (Bakhtin, 2006), mas, sobretudo, pelo modo como operam nas interações dentro dos ecossistemas e por suas conexões com outros gêneros (Cavalcante et al., 2022).

No tocante à caracterização, gêneros nativos digitais são gêneros discursivos ambientados em meio tecnológico. Para descrever o caráter tecnológico no funcionamento, Paveau (2021) se baseia em Beaudoin (2014) para explicar que a internet ocupa um espaço intermediário entre os meios de comunicação de massa e a comunicação interpessoal, o que leva ao surgimento de gêneros específicos para esse contexto. Discute ainda que os gêneros digitais possuem uma dimensão sociológica ou sociodiscursiva significativa, com a apropriação da internet impactando diretamente as formas textuais.

O que se tem, então, é que a análise de textos em ambientes digitais envolve uma série de especificidades que precisam ser levadas em consideração pelo professor, para um ensino efetivo. Por esse motivo, passamos a apresentar seis características centrais para destacar as particularidades dos gêneros nativos digitais (Paveau, 2021):

1. Restrições de quadros sociotécnicos: refere-se à colaboração de homem e máquina em um objetivo comum. A autora propõe uma interdependência entre os dois, numa visão que vai além da separação tradicional entre humano e tecnologia, adaptando-se às limitações e possibilidades de cada contexto. Cada tecnogênero é moldado pelas restrições técnicas e sociais do ambiente em que circula;



2. Existência de socioletos ligados a ecossistemas particulares: refere-se a características linguísticas específicas das comunidades que utilizam determinado tecnônero e aos ajustes que fazem para se adequar aos ambientes de circulação;
3. Linhagens genéricas reconhecíveis para além das inovações tecnológicas<sup>6</sup>: refere-se a aspectos que nos auxiliam no reconhecimento de um gênero (Bakhtin, 2006), que permanecem apesar da transmutabilidade genérica motivada pelo ambiente digital
4. Explicitação das normas (onipresença dos guias de uso): diz respeito à presença de normas explícitas, como guias de uso, que padronizam os tecnôneros e orientam os usuários na prática social.
5. Proximidade entre a prática e a norma: tal relação destaca a importância da padronização para facilitar o reconhecimento de um gênero. As normas ajudam na escolha e na formatação do gênero, mas são as práticas sociais que determinam qual gênero será usado e as regras que deverão ser seguidas, num processo de troca mútua.
6. Interação leitura-escrita e ritmos de escrita: diz respeito à dinamicidade do conteúdo escrito, o que aumenta seu alcance. A frequência diária de postagens em ecossistemas como Instagram, por exemplo, acelera o ritmo de produção e circulação dos gêneros nativos digitais.

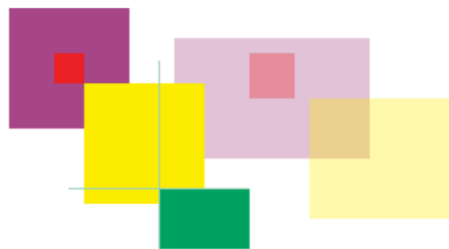
Em conformidade com o que esta seção comporta, ao mesmo tempo que abrimos espaço para a que segue, destacamos o papel crucial dos gêneros nativos digitais no ensino de língua portuguesa, ressaltando a consideração conjugada entre padrões de gêneros e o espaço em que se manifesta, a fim de que haja práticas de reflexão situadas e exercitadas em sala de aula.

## **"Humor é coisa séria": abordagem prática e reflexões**

Nesta seção, descrevemos de que modo se dá a análise de gêneros nativos digitais na sala de aula que denominamos de Turma A. Apoiamo-nos nas experiências vivenciadas

---

<sup>6</sup> Para maior aprofundamento, consultar Sousa, Falcão e Martins (2022), que realizam a caracterização de Green Text, na mídia Facebook.



no âmbito do PIBID, durante as aulas de Língua Portuguesa ocorridas em uma instituição de ensino, entre junho de 2023 e março de 2024, perfazendo um período de 10 meses.

No período do primeiro contato com a Turma A e com o docente responsável pela regência do componente de Língua Portuguesa, que ocorreu três meses após o início do programa PIBID e dois meses após as atividades na instituição de ensino, observamos que o trabalho envolveu assuntos fundamentais da área, como, por exemplo, gêneros textuais, gramática, literatura e outros.

Percebemos a predominância do uso do livro didático, servindo como material principal de apoio na maioria das aulas. Apesar de sua relevância para dar suporte ao professor, considera-se, também, fundamental, o uso das mídias digitais como complemento às discussões trazidas em sala de aula, com o intuito de possibilitar aos estudantes a compreensão acerca dos gêneros nativos digitais em seu ambiente de propagação.

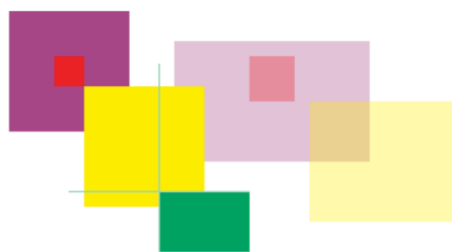
Ampliando nosso olhar para o modelo de ensino da escola no que tange à preparação dos alunos, para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), notamos práticas concentradas na transmissão de conhecimentos. Quanto às nossas percepções acerca dessa abordagem de ensino, é possível mencionar que os estudantes demonstravam um interesse insuficiente acerca da metodologia em questão, embora, em grande maioria, frequentem as aulas regularmente. A ênfase na memorização e repetição de conteúdos aparentava não engajar plenamente os alunos que, algumas vezes, demonstraram enxergar as atividades propostas como meras obrigações a serem cumpridas.

Desde que os bolsistas do PIBID ingressaram na instituição de ensino, em junho de 2023, tornou-se viável adotar, em algumas turmas, uma metodologia de ensino mais variada, incorporando atividades interativas – como oficinas que serão abordadas adiante - <sup>7</sup>e, em algumas situações, utilizando recursos tecnológicos, como é o caso do projetor, computador com a acesso à internet, além de plataformas digitais, possibilitando, assim, uma melhor visualização prática dos conceitos abordados.

Notamos que, ao serem convidados a se engajar ativamente no processo de aprendizado, os alunos da Turma A expressaram um aumento no interesse e na participação

---

<sup>7</sup> Define-se 'interativo (a)' como algo "que faz com que haja interação entre o indivíduo e a fonte e/ou emissor" (Interativo, 2024).



nas atividades, reconhecendo a relevância prática do conhecimento que estavam adquirindo. Entre as atividades mais relevantes realizadas, destacamos a oficina de memes que desenvolvemos junto à Turma A, intitulada “Humor é coisa séria”.

Esta oficina incluiu uma apresentação teórica sobre meme, além de uma parte prática que incentivou os alunos a elaborarem memes críticos abordando as áreas de “saúde”, “educação” e “esporte”.

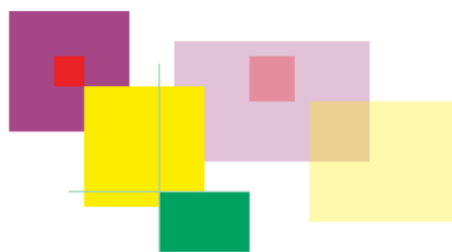
Na fase teórica, implementamos as seguintes ações: a) contextualização do tema abordado; b) apresentação dos principais tipos de gêneros humorísticos — como charge, cartum e tirinha — além de uma explicação sobre o comportamento viral conhecido como ‘meme’ no ambiente digital; c) esclarecimento sobre o conceito de crítica social e a maneira de integrá-la em um meme.

Até aqui, tivemos a oportunidade de destacar junto aos alunos que a atividade linguageira é integrada à tecnologia, em um *continuum*, o que impossibilita separar o que é tecnológico e o que é linguístico, os quais são co-constituintes, portanto. Refletimos sobre como a análise de textos em ambientes digitais envolve uma série de especificidades que precisam ser levadas em consideração para uma abordagem significativa da língua.

Depois de concluir a parte teórica, avançamos para a etapa prática, em que discutimos temas atuais e de relevância social que permeiam o dia a dia dos estudantes, utilizando elementos midiáticos como fotos, vídeos, sons, etc., familiares aos alunos.

A fase prática foi dividida nas seguintes etapas: d) apresentação dos eixos temáticos — saúde, esporte e educação —; e) convite aos alunos à reflexão sobre uma situação de injustiça social relacionada aos temas discutidos e a expressar suas opiniões; f) exposição da plataforma para a criação de memes; g) elaboração dos memes. Isso possibilitou que os estudantes expressassem suas ideias de maneira criativa e crítica, utilizando uma linguagem visual que faz parte do cotidiano deles.

Esta intervenção serviu como base para demonstrarmos aos alunos como componentes linguísticos se unem a componentes tecnológicos na elaboração de memes, muito embora tenhamos enfrentado desafios para acomodar, de forma clara e concisa, os conceitos discutidos ao nível da educação básica. Isso se deve ao fato de que a didatização de conceitos teóricos envolve uma complexidade que se torna, muitas vezes, um empecilho



para que os professores inovem em suas práticas, dadas as condições de trabalho. Destacamos, por exemplo, a quantidade de turmas de séries distintas, de carga-horária de aulas semanais, de tempo insuficiente para planejamento, de falta de material de pesquisa e de apoio didático, etc.

Apesar disso, essa experiência foi a base para a elaboração de uma outra oficina intitulada “Gêneros nativos digitais no ambiente educacional”, motivação principal para a escrita deste artigo, na qual aplicamos, de modo ainda mais direcionado, os conceitos abordados neste trabalho. É sobre essa oficina que passamos a tratar.

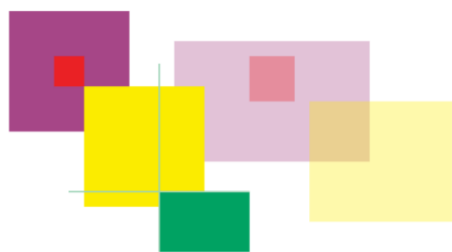
## **Proposta de atividade a partir de gêneros nativos digitais**

Tendo em vista os documentos norteadores dessa etapa de ensino, nesta seção, pontuamos algumas sugestões para a utilização de peça publicitária na educação básica, tomada aqui como um gênero nativo digital. As diretrizes nacionais curriculares, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), pontuam a importância da abordagem dos gêneros digitais no ambiente de ensino. Destaca-se, na BNCC, em relação à cultura digital:

Para além da cultura do impresso (ou da palavra escrita), que deve continuar tendo centralidade na educação escolar, é preciso considerar a cultura digital, os multiletramentos e os novos letramentos, entre outras denominações que procuram designar novas práticas sociais de linguagem. (Brasil, 2018)

Partindo desse pressuposto, consideramos a inserção dos gêneros nativos digitais no ambiente de ensino como uma estratégia pedagógica fundamental para o desenvolvimento de habilidades essenciais no século XXI. Quando inserimos esses gêneros no currículo escolar, estimulamos não apenas a habilidade digital, mas também o senso crítico e a criatividade. Dessa maneira, os estudantes se familiarizam com variadas maneiras de se comunicar e se expressar, enriquecendo suas habilidades linguísticas e culturais.

Muitas são as vantagens da inserção das tecnologias nas instituições de ensino. Moran (2007) salienta que as tecnologias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam, medeiam o nosso conhecimento do mundo. O autor defende que:



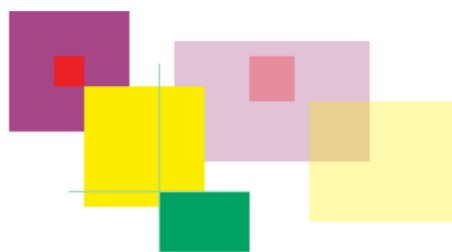
A escola precisa exercitar as novas linguagens que sensibilizam e motivam os alunos, e também combinar pesquisas escritas com trabalhos de dramatização, de entrevista gravada, propondo formatos atuais como um programa de rádio, uma reportagem para um jornal, um vídeo, onde for possível. A motivação dos alunos aumenta significativamente quando realizam pesquisas, onde se possam expressar em formato e códigos mais próximos da sua sensibilidade. Mesmo uma pesquisa escrita, se o aluno puder utilizar o computador, adquire uma nova dimensão e, fundamentalmente, não muda a proposta inicial. (Moran, 2007, p.4)

Para nós, o ensino das linguagens precisa ser versátil e ajustado às tendências atuais, favorecendo uma aprendizagem contextualizada e diversificada. Nesse sentido, compreendemos com Cavalcante et al. (2022, p.186) que "as aulas devem observar, principalmente, as práticas contemporâneas de linguagem e o caráter multissemiótico dos textos, em seu ambiente nativo de produção, circulação e disseminação". Assim, a integração de conteúdos digitais no currículo escolar é fundamental para adaptar a educação às necessidades contemporâneas.

É válido pontuar que a peça publicitária não se trata de um gênero originalmente digital, mas, com o advento das tecnologias, houve um redimensionamento do gênero para o meio digital. Tomemos a analogia da carta que virou *e-mail*: embora ambos compartilhem características estruturais, como a existência de um remetente, destinatário e corpo textual, o e-mail ampliou suas possibilidades com anexos, *links* e a instantaneidade da comunicação, transformando não apenas a forma, mas também as práticas sociais relacionadas. Da mesma forma, ao migrar para o meio digital, a peça publicitária não se limita a replicar o formato original; ela adquire novos elementos multimodais que podem reconfigurar sua funcionalidade.

É em vista desse redimensionamento que envolve o contexto de produção e de circulação de peças publicitárias que defendemos que seja considerado um gênero nativo digital. Tal raciocínio se aplica de modo igual para outros gêneros mencionados neste trabalho, quais sejam: charge, cartum e tirinha.

Para Paveau (2021, p.328), "o tecnogênero [...] é dotado de uma dimensão compósita derivada de uma coconstituição do languageiro e do tecnológico." Sendo assim, o tecnogênero é um gênero discursivo ambientado em um meio tecnológico, ou seja, nativo digital. A nosso ver, a peça publicitária pode ser considerada um gênero nativo digital, pois se relaciona às seis características propostas por Paveau (2021). Primeiro, ela se insere em *restrições de quadros sociotécnicos*, pois depende da interação entre humanos (como designers, redatores



e estrategistas) e máquinas (softwares de edição, algoritmos de distribuição e plataformas digitais) para atingir objetivos como atrair consumidores e gerar engajamento. Além disso, a *existência de socioletos ligados a ecossistemas particulares* se manifesta nas variações linguísticas empregadas para se adequar às diferentes plataformas, como o uso de hashtags no Instagram, memes no X ou vídeos curtos no TikTok, que refletem o vocabulário e os estilos próprios de cada comunidade online.

Quanto às *linhagens genéricas reconhecíveis*, a peça publicitária carrega marcas históricas de suas versões tradicionais, como slogans e apelos persuasivos, que permanecem mesmo com as adaptações ao meio digital. A *explicitação das normas* também é evidente: cada plataforma possui guias que estabelecem padrões de tamanho, formato e tempo de vídeos ou imagens, garantindo que os anúncios sejam eficientes e compreendidos. Já a *proximidade entre a prática e a norma* se expressa na forma como as marcas equilibram padrões de publicidade e criatividade, ajustando-se às práticas sociais de seus públicos-alvo. Por fim, a característica da *interação leitura-escrita e ritmos de escrita* é central, pois a produção e circulação das peças publicitárias digitais seguem um ritmo acelerado, exigindo atualizações constantes para manter a relevância e o engajamento do público, especialmente em plataformas de consumo diário.

Essa reflexão é relevante, na medida em que a integração de conteúdos digitais no currículo escolar é fundamental para adaptar a educação às necessidades contemporâneas, mas sempre com a consciência de que a língua é dinâmica e não é imune às transformações por que passa a sociedade. Por esse motivo, compreende-se que associar a peça publicitária ao ambiente digital envolve levar em consideração não só as transformações na maneira como o conteúdo é apresentado e disseminado, mas também as novas dinâmicas de interação com o público. As reflexões engendradas em sala de aula a partir dessa sugestão de atividade devem passar, necessariamente, por tais transformações.

A proposta que apresentamos no Quadro 1 possibilita que os estudantes, além de se familiarizarem com o tema gêneros nativos digitais, apliquem os conceitos aprendidos, permitindo-lhes entender a importância desses gêneros no contexto educacional. Este quadro foi elaborado com o intuito de apresentar uma sugestão de atividade relacionada aos gêneros nativos digitais a ser aplicada em sala de aula. Sugerimos que o docente escolha alguns assuntos relacionados ao contexto histórico da época em que a atividade for aplicada. Por



exemplo, no momento de produção deste artigo, alguns temas relevantes, entre outros, são as campanhas eleitorais para cargos municipais.

**Quadro 1 – Produção de peças publicitárias**

<b>Atividade</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Instruções</b>
Produção de peças publicitárias autorais a partir de temas preestabelecidos.	Estimular a criatividade através da elaboração de peças publicitárias, fomentando uma reflexão sobre suas finalidades, sua composicionalidade, sua temática e seu estilo nas diversas interações em que possam aparecer.	1- Introduza o tema gêneros nativos digitais como campanhas do governo, de instituições acadêmicas ou da cultura pop. 2- Analise temas gerais que despertem o interesse dos estudantes, como esportes, arte e cultura. 3- Divida a turma em pequenos grupos e solicite que desenvolvam suas próprias peças publicitárias utilizando ferramentas tecnológicas gratuitas como Canva ou Piktochart. 4- Peça que compartilhem as criações em uma rede social da classe e, posteriormente, façam uma apresentação para os colegas, explicando suas escolhas e os recursos empregados na elaboração das peças.

**Fonte:** Elaboração própria

A atividade proposta é significativa para o desenvolvimento das habilidades de linguagem dos alunos, pois estimula a compreensão e a aplicação das características dos gêneros nativos digitais, como a peça publicitária. Ao introduzir o tema e explorar campanhas institucionais ou culturais, os estudantes são levados a reconhecer as linhagens genéricas reconhecíveis, como os apelos persuasivos e os elementos composicionais que tornam esses gêneros familiares, mesmo em suas versões digitais. A utilização de ferramentas como Canva





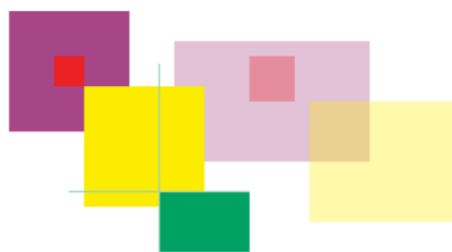
e Piktochart também os insere em restrições de quadros sociotécnicos, uma vez que os alunos precisam adaptar suas ideias às possibilidades e limitações técnicas das plataformas escolhidas, desenvolvendo competências para integrar criatividade e tecnologia.

Além disso, ao explorar temas de interesse, como esportes, arte e cultura, os estudantes são incentivados a utilizar socioletos ligados a ecossistemas particulares, ajustando sua linguagem e estilo ao público-alvo e à plataforma em que as peças serão veiculadas. Compartilhar as criações em uma rede social e apresentá-las promove a reflexão sobre a proximidade entre prática e norma, já que os alunos precisam alinhar suas produções aos padrões estabelecidos, enquanto desenvolvem uma visão crítica sobre as escolhas estilísticas e comunicativas que fazem. A interação entre a produção textual e a apresentação oral também reforça a característica da interação leitura-escrita e ritmos de escrita, treinando os alunos para lidar com os ritmos acelerados e colaborativos que marcam os gêneros digitais. Dessa forma, a atividade amplia a compreensão teórica e prática dos estudantes sobre os gêneros digitais, ao mesmo tempo que aprimora sua capacidade comunicativa em contextos multimodais.

## Considerações finais

Foi possível identificar, a partir deste estudo, algumas dimensões do trabalho com gêneros nativos digitais que revelam tanto as potencialidades quanto os desafios de sua implementação no ensino de língua portuguesa. As principais potencialidades incluem o engajamento e interesse dos estudantes e a relevância social e contemporânea. Os empecilhos, por outro lado, englobam a necessidade de repensar as abordagens pedagógicas, de rever e atualizar constantemente dos materiais e métodos de ensino, o que demanda maior investimento em planejamento de aulas e em pesquisas, sobrecarregando ainda mais o docente.

Nessa lógica, importa salientar, a princípio, que os estudantes, ao se depararem com uma abordagem de ensino que envolva múltiplas semioses e adaptada ao contexto social em que se encontram inseridos, isto é, o formato midiático — vídeos curtos, memes, hashtags, demonstraram maior interesse na aula e apresentaram um engajamento satisfatório, sob nossa perspectiva. Além disso, as discussões apresentadas durante a intervenção acerca dos gêneros nativos digitais mostraram a relevância social e contemporânea e, ainda, a conexão



dos conteúdos ensinados com o cenário digital vivenciado pelos estudantes. Por fim, para que os gêneros nativos digitais possam ser integrados ao currículo escolar, é necessário que haja, para além de diretrizes curriculares que postulam a importância do trabalho com ambientes digitais, capacitações dos profissionais da educação, com foco em instruí-los a utilizar plataformas e recursos digitais.

Assim, destacamos que a inclusão da abordagem dos gêneros nativos digitais no âmbito da educação básica é significativamente benéfica ao processo de ensino-aprendizagem, sobretudo no que diz respeito ao desenvolvimento das competências linguísticas dos estudantes.

## Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang U. **Introduction to text linguistics**. London: Longman, 1981.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. **Linguística Textual: conceitos e aplicações**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 2022.
- CHAROLLES, Michel. Introdução aos problemas da coerência dos textos (Abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas) 1978. In: GALVES, C; ORLANDI, E. P.; OTONI, P. **O texto: leitura e escrita**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997. p. 39-90.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- INTERATIVO. In: DICIO, **Dicionário de português**. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/interativo/>>. Acesso em: 23 nov. 2024.
- LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. *Revista reflexão e ação*, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011. LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista reflexão e ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio et al. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**, v. 19, n.36. São Paulo: Parábola editorial, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. Hipertexto e gêneros digitais. Rio de Janeiro: Lucerna, v. 3, 2004.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.



MORAN, José Manuel et al. **As mídias na educação**. Desafios na comunicação pessoal, v. 3, p. 162-166, 2007. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NOGUEIRA, Francisco Carlos. **Gêneros midiáticos, internet e contexto escolar: relações entre fazeres e saberes**. 2012.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. 1.ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: polêmicas do nosso tempo**. 32. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 1999. v. 5. ISBN 85-85701-23-4.

SILVA, Obdália Santana Ferraz. **Tessituras (Hiper) textuais: leitura e escrita nos cenários digitais**. Salvador: Quarteto, 2008.

SIQUEIRA, Luana Magalhães; PORTO, Luana Teixeira. **BNCC para o Ensino Fundamental e Gêneros Digitais na sala de aula**. Literatura em Debate, v. 14, n. 26, p. 3-15, 2020.

SOUSA, João Pedro de Andrade; FALCÃO, Marina Rodrigues; MARTINS, Mayara Arruda. Green Text: um tecnôgênero na mídia Facebook?. **Entrepalavras**, v. 12, n. 12esp, p. 34-51, 2022.

XAVIER, Antônio Carlos. Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da internet. **Revista Investigações**, v. 18, n. 2, 2005.

Submissão: 19/09/2024

Aceite: 26/11/2024